



Caudal de Relâmpagos, de Amadeu Baptista

EDIÇÕES ESGOTADAS, MINHO, 2017

Maria João Cantinho

Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

mjcantinho@gmail.com

Abusa-se bastante do conceito de “geração”, aplicando-se à literatura. Na poesia contemporânea portuguesa, em particular, é quase uma forma de mapeamento dos autores, como se a força maior da poética se condensasse nessa afinidade geracional. Se situarmos a voz de Amadeu Baptista na década de 80, lembremos como essa década teve em Adília Lopes, Luís Miguel Nava, José-Emílio Nelson, Jorge de Sousa Braga e Gil de Carvalho os seus autores mais interessantes, tanto no que se refere aos temas abordados como nas suas poéticas diferenciadas. Porém, se o autor pertence a essa geração, o facto é que a sua poética é muito singular e mostra como a sua obra é pouco consensual, não alinhando em modismos. Os seus longos poemas, que não podem ser incluídos em antologias, o seu afastamento relativamente às “tribos” poéticas, o facto de concorrer com sucesso a vários prémios literários, transformou-o numa *persona non grata* da poesia contemporânea portuguesa. A sua última obra, a antologia *Caudal de Relâmpagos* é o resultado de 35 anos de actividade literária, como o refere o autor na nota inicial, reunindo “um conjunto de poemas escolhidos entre todos os livros que publiquei até à data (...) bem como alguns dispersos que foram dados à estampa em jornais, revistas, livros colectivos e antologias” (Baptista, 2017: 7). A encerrar esta antologia, Teresa Carvalho escreveu um excelente posfácio, onde traça, além do percurso do poeta, as linhas mais expressivas da sua obra, os seus nós temáticos, que configuram uma resistência



peculiar, e os aspectos mais característicos de “um temperamento poético que dificilmente consente a neutralidade do leitor.” (Baptista, 2017: 477). A respeito desta poética, António Cabrita, o seu crítico mais acutilante, utiliza uma feliz expressão, falando de uma temperatura média (alta) que a sua poesia exala. Refere-se ainda a uma vertiginosa capacidade de produção poética que sempre o surpreendeu (*Caliban*, Cabrita, 2017), facto de que fala o próprio poeta na sua recente entrevista para a revista *Caliban* (Cabrita, 2017). A veia ferina e intransigente de Baptista reclama a sua pertença a uma linhagem da poesia contemporânea como a do exilado poeta Jorge de Sena, mas também reconhece a sua dívida relativamente a autores como Cesário e Ruy Belo. Enquanto tradutor, o encontro feliz deu-se com poetas como Yannis Ritsos, Seferis e Elitys. No entanto, como ele próprio o afirmou na entrevista à revista *Caliban* (Baptista, 2017). Desde sempre procuro uma voz própria, que se possa, inclusivamente, fazer notar de livro para livro, de tal modo que me permita, em cada livro, confrontar-me com uma nova abordagem formal consequente e, nessa circunstância, o menos que posso fazer é estar muito atento a tudo o que se faz e anuncia como aglutinador, diferente e inovador. Não posso deixar de lembrar que o título deste livro, *Caudal de Relâmpagos*, me remete sempre para a obra de Luís Miguel Nava, cuja poética era também atravessada pela imagem de um “campo de relâmpagos”. Pensar a poesia – e o poema – como um “Caudal de Relâmpagos” posiciona-nos imediatamente no coração de uma tensão elevada ao seu clímax, convocando um espaço concentrado de energia explosiva ou de um excesso que não se deixa apagar, encontrando no fulgor vertiginosamente rápido do relâmpago a expressão da sua elevada contensão. Este estará, neste caso, sempre mais próximo de uma estética do sublime, pertencendo mais à ordem de uma desmesura do que à da contenção formal que caracteriza uma boa parte da poesia dos seus contemporâneos. Por um lado, a noção de relâmpago pode também evocar uma dimensão epifânica, tomando a linguagem como revelação, próxima também de uma estética pré-romântica, em que a poesia se apresenta como a mais elevada manifestação da arte e da criação humana. Por outro lado, existe na sua poética uma torrencialidade, que se deve ao seu extraordinário fluxo criativo, tanto verbal como imagético, conferindo-lhe essa tessitura dramática assinalada por António Cabrita, em que se refere a “uma poesia de palco” e dizendo que “muitos



dos seus poemas pedem leituras encenadas e *em coro* – é o caso de *A Paixão* e de *O Arco Sírrio* (Cabrita, 2017). Se a sua obra conhece essa diversidade interna, que atesta a sua capacidade de renovação poética, a par de uma consistência qualitativa da sua escrita, podemos dizer que a maior parte dos seus poemas (e dos seus livros) consubstanciam uma poesia de longo fôlego, discursiva, revelando o tom de uma voz lírica, muitas vezes inconformada com o seu próprio tempo e com os seus actores. Uma voz que se escreve como um modo de resistência, sempre, em improviso constante, como metamorfose ou *fuga*: “Creio na fuga, digo. Na fuga há uma tensão que favorece o improviso, e a vida é isso mesmo, um improviso perpétuo/ para sobreviver: junta-se um fio a outro, e outro a outro,/ até que fica pronta a bagagem que essa corda/há-de prender (...)” (Baptista, 2017: 434). E essa fuga, expressão de uma linguagem que opera metaforicamente sobre o tempo, inscreve-se claramente num outro contexto, o da música, linguagem irmanada com a poesia, a “fuga” de Bach, numa teia que se faz e desfaz em contínuo fluxo musical. Por isso, também a música aparece como um dos temas nucleares da sua poesia, sobretudo no seu livro *O Bosque Cintilante* (2007). No espaço onírico que se define no início deste livro, a música inscreve-se no “horizonte em chamas/ nomeia a solidão (...)” (Baptista, 2017: 234), utilizando o poeta metáforas que convocam, não apenas a paixão, como o sublime, como pode ler-se nos versos: “É do fogo que chega/este mistério,/pelo inefável arde,/o eterno sopro em pedra/e som/- a paz do mar” (Baptista, 2017: 234). Um sopro metafísico perpassa estes versos, menos na forma do que nas imagens poéticas e apolíneas que o poeta utiliza. É do fogo que nasce a dança, como no poema seguinte do mesmo livro, sendo o fogo, tal como a luz, um dos elementos centrais. Jorge Luís Borges espreita-nos aqui, por detrás destes magníficos versos, como quando Amadeu Baptista diz: “Erguemos o sonho em cinco dias, tivemos o poder/da ilusão, a areia e o vidro partilharam/este elo de múltiplas interrogações, a eternidade/que se implanta na parte mais secreta do olhar e atravessa/a superfície da verosimilhança para que algo se destrua e frutifique.(...)” (Baptista, 2017: 236). Todavia, se há um «lugar» primordial na poética de Amadeu, é a própria infância, aqui o refúgio, a origem de toda a arte e da poesia: “Eu entendo que a arte é um refinamento do choque,/vai-se a ver e tudo está no colapso da infância, esse sulco/onde o corpo se fere pela



primeira vez e os olhos,/restituídos à dimensão do escuro, navegam.” (Baptista, 2017: 415). Nesse longo poema intitulado “Juízo Final”, todo o poema se move em torno desse colapso da infância, configurando-se a arte, para o sujeito lírico, como um modo de procura da redenção, de procura de saciar uma “desabalada sede”. Alude-se aqui a uma catástrofe que só a arte permite suportar, uma experiência que é de queda e de choque: “Vai-se a ver e o choque é uma queda, e outra – e outra, ainda” (Baptista, 2017: 415). A queda ou um modo outro de dizer a catástrofe, aparece de modo recorrente na sua poética. Não só a da experiência da infância, como no livro *Os Selos da Lituânia* (2008), mas também a experiência que transparece no longo poema da página 57, “Balada da Neve”, a qual traz, confessadamente, ecos de leituras de poetas nórdicos, que ampliaram os dispositivos imagéticos e retóricos de Amadeu Baptista, por volta de 1988. Se já reconhecíamos no fogo, enquanto elemento primordial, um símbolo de trabalho poético em torno do excesso e do sublime, com a neve e o gelo, as imagens poéticas de Amadeu Baptista roem a de um outro excesso, a da morte e da impossibilidade de dizer uma memória feliz da infância, de dizer o horror inominável, também ele o melancólico rosto da catástrofe: “Prepara o incenso para a celebração: o ritual é um brilho/sobre a escuridão atroz,/dentro do coração uma pedra respira.//Essa pedra é o pai.” (Baptista, 2017: 69). Ritualizada, eis que o facies hipocrática ou o agônico rosto da morte afflora na sua poética, porventura adquirindo ela aqui um tom alegórico, fruto de um diálogo com a portentosa poética de Celan, a quem dedica um poema, “Reflexão de Paul Celan em Paris, Algumas horas antes do seu suicídio por afogamento no Sena”, em *Um Pouco Acima da Miséria* (Baptista, 2017: 447). Em *As Tentações*, um conjunto breve de poemas de 1999, vislumbramos também as marcas dessa ferocidade celaniana, apropriada pela voz poética de Amadeu. A introdução das imagens do judaísmo e da sua mística na poética de Amadeu Baptista acentuam a direção que a sua poesia tomará nos livros *A Sombra Iluminada* (2000), *A Noite Ismaelita* (2000) e *A Construção de Nínive* (2001). Não que essas temáticas abandonem de vez a sua poesia, mas ela diversificará, em busca disso a que Amadeu chama a sua própria voz, uma voz “tonitruante” e avessa ao conformismo, onde a liberdade criadora não transige – e essa não será, certamente, a menor das suas qualidades. A paleta complexa da sua obra e a diversidade das suas



formas, essa oscilação entre os vários registos poéticos e a sua ironia corrosiva, revela bem que estamos diante de uma poesia cuja ousadia é constante e, por vezes, desconcertante, mas sempre pautada por uma vigilância crítica, que faz ressaltar uma voz singular e multimoda na poesia contemporânea portuguesa. E se teve em Jorge de Sena um dos seus mestres maiores, talvez possa ser num poema que Amadeu lhe dedica, “Apontamento, entre as páginas de um livro de Jorge de Sena”, a chave mais preciosa da sua escrita:

[...] Onde quer que estejamos há-de estar o indizível,
mas menos insondável há-de ser o nosso nome
se entre o infinito em que estivermos
for a expressão do amor a poesia,
bem mais que a expressão do inefável
seja a expressão do amor a poesia (Baptista, 2017: 41).

BIBLIOGRAFIA

Baptista, Amadeu, 2017, *Caudal de Relâmpagos – Antologia Pessoal (1982-2017)*, Minho, Edições Esgotadas.

Baptista, Amadeu, 2017, Revista *Caliban*, 16 de novembro, in <https://revistacaliban.net/caudal-de-rel%C3%A2mpagos-%C3%A9-j%C3%A1-uma-boua-proposta-para-os-vindouros-que-pela-minha-obra-se-possam-d352d3505055> (consultado em 17 de novembro de 2017).

Cabrita, António, 2017, Revista *Caliban*, 18 de novembro, in <https://revistacaliban.net/caudal-de-rel%C3%A2mpagos-%C3%A9-j%C3%A1-uma-boua-proposta-para-os-vindouros-que-pela-minha-obra-se-possam-d352d3505055> (consultado em 19 de novembro de 2017).